

SUPER ESPORTES

www.df.superesportes.com.br - Subeditor: Marcos Paulo Lima E-mail: esportes.df@dabr.com.br Telefone: (61) 3214-1176



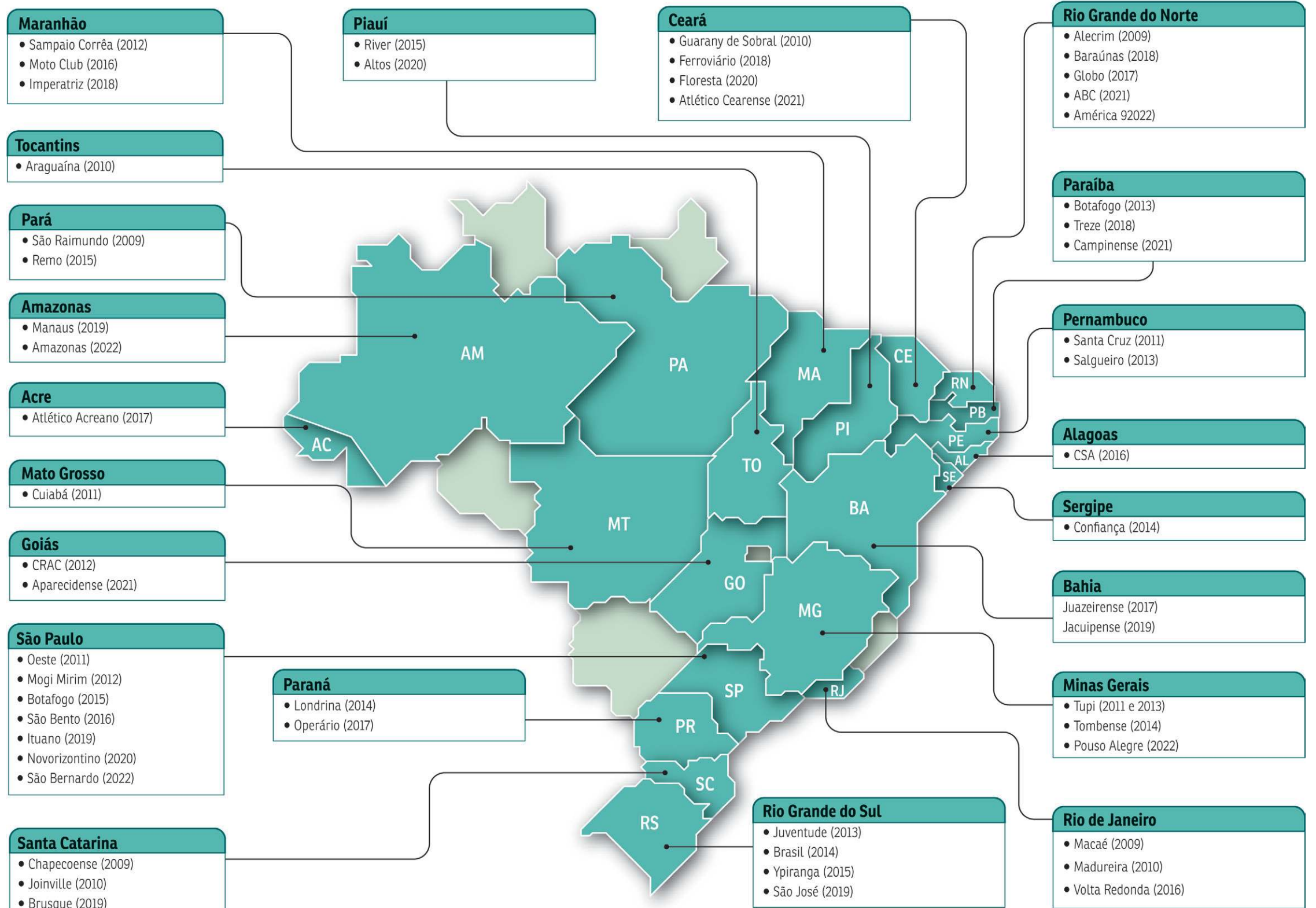
#partiuatar

Quando o relógio marcar 16h, em 23 de novembro, o Canadá estará oficialmente de volta à Copa depois de 36 anos. A única participação rolou no México, em 1986. A seleção perdeu para França (0 x 1), Hungria (0 x 2) e União Soviética (0 x 2). Anfitriã em 2026, em parceria com os Estados Unidos e o México, o Canadá acumulará milhas no Catar para fazer bom papel, em casa, daqui a quatro anos.

A DIMENSAO CONTINENTAL DO VEXAME CANDANGO

21 estados conseguiram subir pelo menos um clube da Série D para a C desde 2009. O DF está entre as seis unidades da federação que jamais catapultou um time para a terceira ao lado do Amapá, Espírito Santo, Mato Grosso do Sul, Rondônia e Roraima.

Os times que subiram da D para a C por estado



SÉRIE D Distrito Federal é uma das seis unidades da federação que jamais conseguiu catapultar um time da última divisão, criada em 2009, para a terceira. Enquanto a capital do país acumula decepções, Amazonas promove dois clubes em quatro anos

Fora do mapa de acesso

» MARCOS PAULO LIMA

Nove anos depois de inaugurar o estádio mais caro da Copa do Mundo de 2014, o Distrito Federal não consegue honrar os discursos usados para erguer a segunda maior arena do país. Uma das justificativas ao investir R\$ 1,575 bilhão na construção da arena com capacidade para 72.788 pagantes era entrar na briga com São Paulo para receber a partida de abertura. A outra, usar o gigante de concreto para impulsionar o abstrato desenvolvimento do futebol candango. Quando recebeu sete jogos do Mundial, a capital do país só tinha figurantes na Série D do Campeonato Brasileiro. O cenário continua inalterado. As expectativas foram frustradas nesta temporada cinco meses antes do fim do ano. O Ceilândia deu adeus à quarta divisão na fase de grupos. Atual bicampeão do DF, o Brasiense caiu no primeiro mata-mata diante do Nova Venécia-ES.

Das 12 cidades sede da Copa de 2014, Brasília é a única que terá representantes apenas na Série D em 2023. Rio de Janeiro, São Paulo, Belo Horizonte, Fortaleza, Porto Alegre, Salvador, Recife, Cuiabá, Curitiba, Natal e Manaus ostentaram

filiação em pelo menos uma das divisões superiores. Brasiense e Ceilândia serão as equipes do Distrito Federal na última — e pior delas no próximo ano.

Com a confirmação dos acessos de Amazonas, América-RN, Pouso Alegre-MG e São Bernardo-SP para a Série C, o **Correio** levantou quantas unidades da federação catapultaram pelo menos um time da quarta para a terceira divisão desde o lançamento da Série D.

Mais do que desanimador, o resultado da pesquisa é um retrato do momento de terror e pânico do futebol local: 21 estados conseguiram promover equipes à Série C desde 2009. O DF não é um deles. O quadradinho amarga o tabu ao lado do Amapá, Espírito Santo, Mato Grosso do Sul, Roraima e Rondônia.

O levantamento é ainda mais assustador se levarmos em conta dois dados. O DF é a oitava economia do país adotando como critério o ranking do Produto Interno Bruto (PIB). Se levarmos em conta a renda per capita, ostenta a primeira posição. Estados bem menos abastados fazem muito com pouco.

O Piauí, por exemplo, comemorou o acesso do River em 2015 e do Altos na temporada de 2020. Criado em 1988, Tocantins, o estado mais jovem do Brasil,

alçou o Araguaína em 2015. Sergipe celebrou o sucesso do Confiança, em 2014. O Acre entrou no mapa do acesso em 2017 graças ao Atlético Acreano. O Maranhão viu Sampaio Corrêa (2012), Moto Club (2016) e Imperatriz (2018) subirem. Goiás promoveu os modestos CRAC (2012) e Aparecidense (2021).

Mero participante na Série D e na Copa do Brasil, o DF só é competitivo na Copa Verde. O Brasiense conquistou o título em 2014. O Brasiense levou a taça em 2020. O Gama alcançou a final em 2016. Perdeu a taça para o Paysandu na finalíssima do torneio regional.

A contar do lançamento da quarta divisão, em 2009, sete clubes da capital tentaram — e não conseguiram subir: Botafogo-DF, Brasília, Ceilândia, Gama, Luziânia, Sobradinho e Brasiense. O Jacaré esteve próximo de quebrar a escrita em 2014. Chegou às quartas de final contra o Brasil-RS e viu a vaga escapar na decisão por pênaltis contra a equipe gaúcha em uma partida traumática.

Pior do que a falta de perspectiva para o acesso à Série C é a ausência de norte para o retorno à elite. O DF não participa da primeira divisão desde 2005, quando o Brasiense caiu. O Gama ficou quatro anos na Série A no período de 1999 a 2002.

Homem forte do Palmeiras/Parmalat nos anos 1990 e com passagem pelo Brasiense, em 2015, no papel de diretor executivo, José Carlos Brunoro lamenta a crise do futebol candango. “Trabalhei um breve período em Brasília. Achei que tinha um potencial tremendo, inclusive de jovens talentos. O time de maior potencial aí é o Gama (sem divisão) em função da torcida. Tentam, mas falta investidor. Vejo dois problemas: todos em Brasília torcem para times de fora e não se interessam pelo futebol local. O segundo ponto é a carência de investimentos ou de alguém que possa fazer um trabalho bacana a médio e longo prazo. Com esse estado de coisas que vem se arrastando por muito tempo é difícil porque não existe investimento”, avalia o dirigente.

Sem contar a edição deste ano, 267 clubes disputaram a Série D desde 2009. Só seis times foram da quarta à primeira divisão — o equivalente a 2% do total. Chapecoense, Joinville, Santa Cruz, CSA, Cuiabá e Juventude conseguiram. Do total, 47 subiram da D para a C. Vinte e dois chegaram na B. Na melhor das hipóteses, o futebol candango retornaria à elite em 2026 com acessos sucessivos. Como em 2023 o DF completará 10 anos atolado na Série D, é melhor se concentrar no acesso à terceira.

Explica aí...

O segredo do sucesso amazonense

Manaus (fundado em 2013) e Amazonas (fundado em 2019) têm em comum o fato de serem times jovens, com isso já elimina muito da burocracia que os times mais tradicionais enfrentam para tomar certas medidas e trabalhar. Em segundo lugar vem o fato de serem times com dinheiro. O Amazonas tem uma das maiores folhas da Série D e com dinheiro fica mais fácil de contratar jogadores de nível e um bom técnico, como o Rafael Lacerda, e oferecer estrutura como campo para treinar, que é uma carência dos times locais. Isso, mais a competência do grupo, que encaixou, tornou o time forte e consistente. E com um time forte e consistente os resultados vêm. Com os resultados vindo, a torcida abraça e ela fez diferença nas fases de acesso, tanto em 2019, quando o Manaus levou mais de 44 mil torcedores para o jogo contra o Caxias, na Arena da Amazônia, quanto o Amazonas, que levou quase 5 mil pessoas para o Carlos Zamith na partida contra a Portuguesa.

Camila Leonel, editora do caderno de esportes do jornal **A Crítica**